



## **Domésticas: de onde vêm e quem são essas mulheres?**

Odinaldo da Costa Silva

Mestrando em Comunicação pela Universidade de Brasília.

### **Resumo:**

Um olhar sobre a película *Domésticas – o filme*, de Fernando Meirelles e Nando Olival, e a procura pela identidade das empregadas domésticas representadas nessa obra cinematográfica. O texto propõe apresentar quem são as cinco personagens principais do filme e em que realidade estão inseridas. O que pensam de suas vidas, quais são seus sonhos, o que gostam de fazer. E com esse conjunto de semelhanças e diferenças partimos em busca da identidade dessas mulheres.

### **Palavras Chaves:**

Cinema; Identidade; Empregadas Domésticas

Roxane, Raimunda, Quitéria, Créo e Cida. Quem são essas mulheres? Como e por que são empregadas domésticas? Como é ser empregada doméstica numa cidade grande como São Paulo no ano de 2001? Na intenção de levantar questões acerca destas e outras inquietações, investigaremos quem são as domésticas principais da produção *Domésticas – o filme*, com direção de Fernando Meirelles e Nando Olival.

Sempre com o foco nas cinco domésticas principais do filme buscaremos as peculiaridades dessas personagens, ou seja, elementos que caracterizem um processo de criação de uma identidade. Isso sem esquecer o local, São Paulo, e a época, 2001, em que essas mulheres estão inseridas. Não vamos aqui falar de empregadas de carne e osso, mas de personagens de um filme.

Qual é a realidade de quem sai de casa para trabalhar o dia inteiro na residência de uma família de classe média e depois volta para sua moradia no subúrbio da cidade grande? Em que ambientes são mostradas essas personagens? Quais são os desejos e as amarguras que as cercam? Numa busca de levantar questões, pretendemos apresentar as cinco empregadas do filme como um recorte da categoria empregada doméstica.<sup>1</sup>

---

Trabalho apresentado ao Seminário de Temas Livres em Comunicação.

O autor é graduado em Comunicação, habilitação jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba e mestrando em Comunicação, na linha de pesquisa de imagem e som, pela Universidade de Brasília.

## **De que Domésticas estamos falando?**

*Domésticas* – o filme é o primeiro longa-metragem do cineasta Fernando Meirelles, que foi realizado enquanto o diretor paulista preparava o roteiro de *Cidade de Deus*, seu segundo filme, que lhe rendeu quatro indicações (diretor, roteiro adaptado, montagem e fotografia) ao Oscar, como também, premiações nos festivais de Havana, Cannes entre outros e também prêmios em importantes festivais brasileiros. Isso o tornou conhecido no Brasil e no exterior.

Durante os dois anos de preparação do roteiro de *Cidade de Deus*, Meirelles assistiu à peça de teatro, “Domésticas”, de Renata Melo, e viu que valia a pena filmar aquela história. “Entre assistir a peça e o filme na lata, foram seis meses, só que a gente não gostou do filme, então a gente passou mais um ano remontando, mexendo... O filme ficou encruado e finalmente refilmamos mais uma semana. Depois, lançamos” (MEIRELLES, 2003, p.132), conta Fernando Meirelles em depoimento a José Carlos Avellar.

A trama do filme aborda o dia-a-dia de cinco domésticas que vivem os dramas de suas vidas particulares, mas estão inseridas num contexto maior, trabalhar em casas de classe média de São Paulo. A película, por vezes, simula um documentário, vai além de mostrar as nuances do cotidiano dessas mulheres batalhadoras, também evidenciando o conflito entre as classes sociais que permeiam o dia-a-dia dessas personagens, como também, o embate entre domésticas e patroas, as relações familiares e os conflitos com suas origens.

*Domésticas* – o filme de Fernando Meirelles e Nando Olival entrou em cartaz em São Paulo, em abril de 2001. Nesse mesmo período, o governo federal anunciava o Plano de Redução de Consumo e Aumento da Oferta para reduzir em 10% o consumo de energia do Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. O alerta era que se o plano não chegasse aos objetivos almejados até maio, o país sofreria racionamento de energia, como aconteceu mais tarde. Outro fato importante que aconteceu no Brasil e mereceu destaque na imprensa nacional foi um acidente na plataforma P-7 da Petrobrás que provocou um vazamento de 26 mil litros de óleo na Bacia de Campos. Foi nesse cenário nacional que o filme de Meirelles começou a ser apresentado nas telas de cinema.

O processo de elaboração do roteiro – assinado por Cecília Homem de Mello, Fernando Meirelles, Nando Olival e Renata Melo – foi bem peculiar. Ninguém melhor para explicar essa construção do que o diretor Fernando Meirelles (2003, p.133-134).

“A Renata para fazer a peça entrevistou duzentas domésticas durante três anos, tinha um bolo dessa altura mais ou menos de papel, entrevistas transcritas, grampeadinhas, duas páginas, quatro páginas. Pegamos aquele bolo e separamos: aqui as domésticas que falam dos namorados, essas falam da família, essas são tristes, as que se deram mal... Enfim, fizemos um mix, acabamos escolhendo um bolinho de textos, e para cada grupo de textos com depoimentos de personalidades parecidas demos o nome de uma doméstica: essa aqui vai se chamar... Eram os textos básicos. A partir disso a gente criou uma tramazinha, para poder usar aquelas falas. Algumas falas eram continuas, depoimentos, assim, para gravador. A gente transformou em diálogo. O processo foi basicamente esse, assim, cinco bolinhos, cinco nomes e uma trama para conseguir usar essa e aquela fala... É um processo meio maluco, não é? Nós tínhamos falas boas e criamos uma história para poder usar aquelas falas. O filme inteiro foi feito a partir daqueles depoimentos, com pouca interferência nossa. O resultado que conseguimos é diferente da peça”.

Como podemos notar, a excelente qualidade dos diálogos do filme é resultado de um bom trabalho de pesquisa, onde só realmente Cidas, Quitérias e Raimundas seriam capazes de perceber o mundo a sua volta da forma como é mostrado.

Se nos perguntarmos: a quem o filme se destina?

“Como quase toda a produção cinematográfica, à classe média urbana, a única que ainda frequenta o cinema. Bem, essa classe média urbana, atormentada pelos fantasmas do desemprego, da violência e da falta de perspectiva, precisa se divertir um pouco. E as domésticas, em sua simplicidade, são mesmo divertidas, como comentou uma espectadora no final da sessão. Falam errado, têm sonhos estranhos, ouvem música brega, se expressam às vezes com franqueza brutal” (ORICCHIO, 2003, p.175),

responde o jornalista e crítico de cinema Luiz Zanin Oricchio. Entretanto, devemos questionar a que simplicidade o autor se refere, já que percebemos muita complexidade no universo dessas mulheres.

Ainda vale a pena ressaltar que o que é mostrado no filme é uma construção do roteirista/diretor, uma representação, e que outros diretores/roteiristas podem pensar diferente, ter outros pontos de vista.

### **Religião, tristeza e resignação**

“Nasce e morre, nasce e morre. Cada vez que a gente nasce é um tipo de gente. Uma vez nasce rico, outra nasce japonês, outra nasce comerciante, outra pintor de parede. Nasce homem, nasce mulher, nasce viado, nasce travesti. Nasce gorda, pobre, preta. Nasce valente, idiota, nasce de tudo, cada vez é de uma coisa. Deus é que vai escrevendo as missões que cada um tem que cumprir. Eu aprendi isso no espiritismo. É a reencarnação. Por que é que eu tinha de nascer assim desse jeito... pobre, preta, ignorante? Minha filha, tu tá amargando agora uma outra vida muito cheia de luxo, sabia? Não, eu não sabia de nada. A minha bisavó era escrava, a minha avó foi doméstica, a minha mãe quando eu nasci, ela disse que preferia me ver morta do que empregada doméstica. Eu sou doméstica”. (Créo)

Créo. “Pobre, preta, ignorante”. Uma palavra que pode definir essa personagem é resignação. Apesar de questionar sua existência, ela está satisfeita com o que Deus reservou para sua vida. Duas observações devem ser feitas acerca de Créo. Primeiro, sua conformação em ser doméstica vem do fato de ser de uma família de domésticas. Onde o que foi aprendido pela mãe é passado para filha como uma herança de sofrimento e sobrevivência. Isso fica claro no fim da fala acima citada, quando ela fala de sua família com relação ao fato de ser doméstica e que esse ofício começou quando a escravidão ainda era praticada no Brasil.

Outro traço característico é a tristeza de Créo. Não a vemos feliz, sorrindo ou se divertindo. Aqui podemos recorrer a máxima do autor Paulo Prado (1997, p.53) quando ele diz: “numa terra radiosa vive um povo triste”. No seu ensaio *Retrato do Brasil*, Prado lança a idéia da origem da tristeza do povo brasileiro. A luxúria exacerbada dos colonizadores e a cobiça pelas riquezas da terra recém-descoberta, segundo o ensaísta, seriam as causas de tal sofrimento. “Na luta entre esses apetites – sem outro ideal, nem religioso, nem estético, sem nenhuma preocupação política, intelectual ou artística – criava-se pelo decurso dos séculos uma raça triste” (ibid, p.140). Dessa forma, a tristeza construída perdura no âmago do povo.

A religião, mesmo que sem muita definição (um híbrido de catolicismo com espiritismo e uma pitada dos cultos afros), rege e direciona a vida de Créo e suas ações. “Os escravos, sobretudo os domésticos, que serviam diretamente as senhoras e os senhores, se tornariam pessoas da casa, impregnadas da religião católica, que combinavam, de forma sincrética, com as divindades e os cultos trazidos da África” (VENTURA, 2000, p.50). Esse híbrido religioso é normal no contexto da herança que é indicada por Créo. Ela gosta de Igreja e adora rezar. Também acredita que atualmente

ninguém quer mais saber de ir a missa, preferindo as diversões profanas e deleites em geral.

Devido a sua resignação e seu apego a religião, Créo é totalmente desprovida de vaidade. Não usa maquiagem, brincos, anéis (ou qualquer outro tipo de adorno) e seu cabelo parece um *black power* que é preso nas horas do trabalho ou quando sai à rua. Vestido ela só tem dois, nem muito curto, nem muito comprido.

No enredo do filme, Créo está passando por um momento difícil com sua filha adolescente, Kelly (15 anos). Não nos é sugerido a presença de um pai para Kelly, logo a educação da filha está nas mãos de Créo, que tem de se desdobrar entre o trabalho como empregada doméstica e a criação da menina. Essa ausência paterna deixa em aberto algumas características de sua personalidade. Como ser tão religiosa e de repente ter uma filha sem casamento, por exemplo?

O relacionamento de Kelly com a mãe se torna mais difícil quando a menina começa a namorar um rapper. Nesse ponto há um embate entre a religião e o discurso gritado musicalmente do *Rap*. Créo tenta proibir a filha de viajar com o namorado, alegando que antes disso a filha precisa conhecer o íntimo das pessoas e é incisiva ao dizer que “tá errado”. Também questiona se Auspiciano Inácio (o *rapper*) frequenta a Igreja.

Esse embate culmina na fuga de Kelly – definitivamente a menina não quer herdar a profissão da mãe – e na angústia da procura da menina pela mãe nas ruas e grandes avenidas de São Paulo. Esse fato só entristece ainda mais Créo. Depois de um conselho de um Pai de Santo chamado Francisco, Créo volta ao seu estado de resignação esperando que sua filha apareça. Ou seja, se o que ela pode fazer é esperar... ela só vai esperar.

Outro fato curioso de observação é a configuração típica do quarto da empregada que é habitado por Créo. Apesar de ter uma casa/barraco na periferia (possivelmente em Vila Menk, periferia de Osasco), ela dorme no emprego. O quarto é minúsculo e serve como reduto para atividades domésticas. Créo precisa montar uma cama para deitar-se. Sobre os quartos de empregadas, Luiz Zanin Oricchio (2003, p.174-175) comenta:

“cubículos especialmente desenhados para elas. Minúsculos e vizinhos das dependências de limpeza, da lavanderia, da cozinha. Assim, a empregada já pode acordar de manhã cedinho e ‘dar de cara’ com a máquina de lavar, o que pode ter efeito mnemônico para suas obrigações profissionais”.

### **Ingenuidade, atropelos e filosofia**

“Eu achava que aqui falava uma outra língua, sei lá, um tipo de inglês, sabe? Que eu não ia entender. Minha mãe falou: quando tu chegar lá, tu não fala nada, tu fica quieta. Eu ficava”. (Quitéria)

Quitéria. Jovem. Negra. Ainda imatura e ingênua nas regras e procedimentos dos trabalhos domésticos. A impressão que nos passa é que Quitéria foi arrancada de sua realidade e lançada num outro mundo, onde tudo é novo, diferente e pode quebrar. Talvez por essa falta de compatibilidade com esse novo mundo, ela sempre tem problemas de se adaptar aos seus empregos. Está sempre de casa em casa à procura de um novo trabalho.

Apesar da ingenuidade de Quitéria percebemos em seus diálogos verdadeiras análises de sua condição de doméstica.

As amigas de profissão, Zefa e Roxane, estão sempre em busca de um novo trabalho para Quitéria. Mas o que ela sabe fazer bem dentro de uma casa? Lavar, passar? Cozinhar? Faxinar? Cuidar de crianças?

“Como é que você consegue ser mandada embora em três horas, Quitéria?”, pergunta Zefa. “Não foi por maldade não, Zefa. Foi só mau jeito”, responde Quitéria. A jovem doméstica é a mais desastrada das personagens do filme, o que só enfatiza sua ineficiência com os trabalhos de casa. Há sempre um vaso que pode ser quebrado e um cachorro que pode morrer asfixiado pelo aspirador de pó se Quitéria estiver por perto. Desastrada, essa é a palavra que a define.

Uma das cenas mais curiosas do filme protagonizadas por Quitéria é a que ela “filosofa” com Zefa acerca da diferença entre pó e poeira.

“No oiar parece tudo a merma coisa, mas na formação é diferente. O pó é assim formado pelas coisas invisíveis que voa no ar, e aí fica visível embaixo da cama, em cima dos móveis, entende? Agora já a poeira não. A poeira vem assim num acontecimento, de uma coisa que acontece na casa. Assim, um tal de geladeira, uma festa, uma bagunça, entende?”

relata Quitéria. Aqui podemos identificar o repertório que a jovem moça trouxe para a cidade grande.

Quitéria gosta de ator de novela, mas não do Cid Moreira. Também não gosta de nada diferente, sendo assim, não come salada nem verduras.

O fato de ter, de certa forma, contribuído para o assalto da casa de uma de suas patroas deixa Quitéria numa situação complicada, onde ela tem que provar que não teve culpa do ocorrido. “Eles tinham um papel na mão”, garante Quitéria aos prantos para

suas amigas. Nessa atitude de Quitéria fica clara a ingenuidade que ela carrega. Mas, Roxane prefere dizer que ela é burra.

Indignada com a situação em que se meteu, ela desabafa: “Até parece que ninguém gosta da gente”. Falando assim, Quitéria pretende questionar o porquê de, costumeiramente, as patroas estarem com o pé atrás com suas empregadas, tendo estas de, a todo o momento, provar que são de confiança, ou seja, que não são ladras. “O trabalho de doméstica é assim definido a partir do que ela não é, evitando por pouco, a marginalidade. Contudo, sendo positivo por pouco, a estigmatização do seu trabalho contém um potencial de marginalidade” (NUNES, 1993, p.242). A relação do trabalho doméstico com a marginalidade faz parte de um estigma que foi adotado tanto pelas patroas como pelas empregadas. Nunes acredita que “tanto a doméstica quanto sua patroa estão impregnadas de representações passadas, e ambas têm uma grande dificuldade em modificar as disposições adquiridas” (ibid, p.296).

“Eu achava que esse negócio de ficar andando de lá pra cá era coisa da profissão. Eles vivem trocando de carro, de geladeira, e então eu pensei: com doméstica deve ser a merma coisa. Eu vou ficar pulando de galho em galho até morrer”, afirma Quitéria. Essa fala de Quitéria mostra a sua impressão acerca da rotatividade de emprego que ela participa, nunca ficando muito tempo trabalhando numa mesma casa.

Tadavia, Quitéria sabe onde é seu “lugar”. E isso fica claro quando ela tenta se defender da acusação de roubo por uma de suas patroas. “O que tem na casa da senhora não cabe na minha, assim como o que tem na minha não cabe na da senhora”, garante Quitéria.

### **Casamento e insatisfação**

“Eu vivia louca pra ir pro Rio de Janeiro, porque o meu pai falava que o arco-íris levava a gente pro Rio de Janeiro. Só que a viagem não era de arco-íris, era numa Rura-Irís. Eu não era filha. Eu subia num banquinho pra lavar louça, pra passar roupa. Eu tinha um cabelo cumprido, minha mãe sempre cuidou dele. Lavava com água do poço bôo. Enxaguava com erva, folha de mutanga. Ficava macio, cheiroso. Dona Maria Eugênia cortou. Bem curto”. (Cida)

Cida. Jovem. Branca. Casada (mas é como se não fosse). Seu sonho de ir para o Rio de Janeiro era um conto de fadas. A realidade que ela encontrou na cidade grande

foi bem diferente. Nessa personagem podemos identificar outra característica que, geralmente, faz parte da história dessas mulheres, a questão da migração. Na fala citada acima fica evidente que Cida envolvida por um desejo de melhoria para a sua família migrou de algum lugar, de forma bem caricata, numa Rural-Irís. Mas ela não está satisfeita e continua querendo que as coisas mudem em sua vida. Nem que para isso ela tenha que mudar de signo ou de atitude. Cida não agüenta mais o marasmo em que seu dia-a-dia se transformou.

Um dia, conta ela para uma amiga de trabalho que teve um sonho estranho e ficou preocupada. Cida sonhou que Deus a chamava para ir embora com ele, pois disse que ela sofria muito. Não sabia que “significância” o sonho tinha, mas segundo seu horóscopo o momento estava propício para mudanças. Em termos de maquiagem, Cida gosta de batom vermelho e blush.

“Oia, no começo do casamento era muito bão, Nossa Senhora. Era o mesmo que tá num mar de rosa. Dizem que casamento só presta nos primeiros dias. Pra mim, ficar sozinha, ficava mais difícil, né? Eu digo, vou ficar com ele mermo que ele é bonzinho, não enche meu saco. A relação é mais ou menos, né? Porque ele em compensação, sobre o que eu acabei de falar. Dentro de casa ele é bonzinho, só que não é carinhoso comigo. Ele não liga de chegar e dizer tchau, tô indo. Na hora que ele tá saindo. ‘Tchau, tô saindo’. Ele é muito parado nessas coisas. Oi, de cama é pior, de cama é que é ruim mermo. Ele é parado de tudo. (...) Se a mulher tem um relacionamento legal de noite com o marido, ela fica com aquele pique, aquela alegria que passou um momento bão, né? Eu não, eu trabalho o dia todo, chego em casa, encontro ele parado, no outro dia, parado a merma coisa. Ôia, no começo eu até que insistia pra fazer sexo, mas depois que eu vi que ele era meio parado, deixo quieto. Ele fica até oito dias sem sexo. Eu não sou parada, eu sou quente nessas coisas”.

Cida acredita que o casamento já não anda tão bem. O marido dela, Leo, não é tão participativo e companheiro o quanto ela gostaria. Ela se acomodou a sua vidinha medíocre de casada. Mas mesmo assim, ela não pára de reclamar que “ô Leo é muito parado”.

Por uma sutileza do destino ela conheceu Uílton, depois de ser levemente atropelada por ele. Uílton é motorista da casa onde trabalha Créo. Cida desde o primeiro encontro se sente atraída pelo motorista, mas tenta dissimular seus sentimentos por ser uma mulher casada. “Mesmo na amizade o pessoal comenta”, diz Cida para Uílton quando esse a convida para ir ao baile. Podemos identificar um fato recorrente no diálogo das domésticas do filme. A preocupação com o quê os outros vão dizer ou pensar a respeito delas. Esse tipo de conduta é bem característico do cotidiano

brasileiro, seja nas pequenas cidades, grandes centros ou dentro de instituições, enfim, no dia-a-dia.

Mas como o amor é um sentimento incontrolável, na maioria das vezes, Cida se apaixona por Uílton. E mesmo casada, começa a se relacionar com o motorista. Para sua sorte, ou azar, Leo morre de motivo desconsiderado no filme, não sabemos ao certo de quê. O que nos é sugerido por Cida é que ele era tão parado que o coração também parou e ele morreu. Com a morte de Leo, Cida pode assumir sua relação com Uílton e aproveitar as benesses de uma nova paixão.

“Quiser casar, pode casar, mas antes tem de deixar tudo limpinho. Se quiser namorar, passear no parque, dançar em salão... pode tudo, mas só depois de arrumar a cozinha. Nois vive nesse sistema. Primeiro a gente arruma as coisas dos outros, depois a gente vai vê o que pode fazer por nois mesmo”,

relata Cida. As domésticas são direcionadas a cuidar das atividades de casa nos lares onde estão empregadas e sempre deixar os seus próprios afazeres domésticos em segundo plano. Assim, acumulam jornadas de trabalho, pois quando chegam, à noite, em suas casas, ainda precisam dar conta de muito serviço.

### **Namoro, sonho e realização**

“Eu não imaginava que aqui era tão frio. Eu ficava olhando pros prédios, cada um maior que o outro. Eu estranhei o frio. Lá sente frio, mas é pouco. Desde pequena eu raspava mandioca. Eu pegava a mandioca, cortava a cabeça e começava a raspar. Todo dia essa penitência. Eu chamava penitência porque realmente era”. (Raimunda)

Raimunda. Jovem. Branca. Prefere ser chamada de Rai, para falar a verdade ela detesta ser chamada de Raimunda. Está sempre à procura de um namorado, mas não tem sorte com os homens. Mesmo já tendo namorado muito, ainda não desistiu e continua sonhando com o seu príncipe encantado. Ela assume: “eu não estou atrás de homem. Eu quero um marido”.

Na fala em destaque acima, o fato de ter trabalhado duro na infância é uma prática que faz parte do passado de muitas domésticas que deixaram suas cidades de origem em busca de melhores condições de vida. As mudanças, sejam elas climáticas, de relacionamento, de dinâmica social, são várias e levam algum tempo para uma completa adaptação. Algumas nunca se adaptam e precisam voltar para o lugar de onde vieram.

Rai quer ter filhos, pois acha lindas as mulheres que têm filhos. Acredita no destino. Segundo a pesquisadora Christiane Nunes (1993, p.245), a idéia de destino é recorrente no seu objeto de pesquisa. Rai compara o destino a um trem que passa e se você não se apressar vai ficar vendo só a fumacinha.

Vemos uma Rai atrapalhada com as novas tecnologias. Isso fica evidente na cena em que fecha o portão eletrônico e tem de correr para não ser atropelada pelo portão que está fechando.

A personagem conhece Gilvan como num conto de fadas. Abre a porta de sua casa, ao som de uma campainha estridente, que mais parece sininhos, e lá está aquele estranho abraçado com um enorme ramalhete de rosas. Tudo bem que as flores não eram para Rai e sim para sua patroa. Mas como num relato infantil e ao som de “receba as flores que lhe dou, em cada flor um beijo meu...”, as rosas acabam em suas mãos e a felicidade fica evidente no seu rosto. Mas, antes, ela descobriu que Gilvan é o cara que tentou assaltar o ônibus que ela pegara outro dia para ir ao trabalho. Numa cena mais a frente vemos uma Rai bem informada, dando aulas de como se deve assaltar um ônibus para seu companheiro. Quando questionada sobre tanta sabedoria, ela diz que passa na televisão a toda hora. Isso é uma forma de trazer para o filme um dado da realidade.

Ela não gosta de homens baixinhos, pois acredita que fica tudo pela metade. Gosta de usar tênis, mas para “um acontecimento” prefere as sandálias. Denomina-se vaidosa, mas garante que está “brecando”. Adorou o fato de casar com Jailto (comparsa de Gilvan no – quase – assalto ao ônibus). Só reclama que foi num domingo e a segunda era dia de faxina geral – terceira segunda-feira do mês.

“Eu não sei dizer porque o mundo é assim. Até hoje eu não sei explicar o mundo. Eu penso que o mundo quem determina é nós mermo, é o ser humano. O mundo é uma bola giratória, dizem né? Eu acho que o mundo tem muitas injustiças. Eu acho que tinha de equilibrar melhor esse negócio. Já que Deus deu pra um, desse pra todos. Pra falar a verdade, eu não gosto de ser pobre, não porque pobre é defeito. Porque o que vale mais é ser honesto. Eu não gosto porque as coisas de pobre é tudo má organizada. Pode reparar. Escola de pobre, hospital de pobre, bairro de pobre, tudo com bagunça. (...) Por isso que o mundo tá desse jeito é porque a gente precuro. Por isso tudo é que eu penso que o mundo não vai acabar, quem vai acabar mermo é as pessoas”, relata Rai.

Raimunda não desiste de sua busca pela felicidade. “Eu não me considero uma pessoa feliz. Eu me sinto muito só. Assim, longe de minha família. E não é só eu que tô só. A maior parte de minhas amigas tá sozinha. Tudo com dificuldade de arrumar namorado. O pior é que tem tanto homi por aí. Só que a maioria não dá pra confiar. Tudo mentiroso, falso, fingido. Ocê pensa que é uma pessoa boa e é péssima”. Ela

acredita que a tristeza vem da solidão e para isso procura um marido para não passar mais os seus dias sozinhos.

“Sabe quando a gente tá olhando longe, aquela cara de besta. Aí alguém chega e pergunta: tá pensando o quê. A gente responde: Ah, sei lá, tava pensando nada não. Eu acho que é nessas horas que a gente tá pensando... o que é que vai ser da minha vida?”.

### **Inconformismo, atitude e relações trabalhistas**

“Eu tinha uma vontade tão grande de vim pra São Paulo, mas tão grande, tão grande, que eu pensava assim: um dia eu hei de ir em São Paulo, nem que seja pra chegar de dia e morrer de tarde. A minha mãe só chorava. O meu pai falava juízo, juízo, juízo, juízo...” (Roxane)

Roxane. Jovem. Branca. Não gosta do fato de ser doméstica. É inconformada com essa condição. A vaidade é uma característica presente em Roxane. Cabelo frisado, sempre de batom nos lábios e também aparece pintando os cabelos. Talvez essa vaidade seja explicada pela vontade de se tornar modelo.

Roxane adora preto. Saia, blusa, gosta de tudo preto e acredita que o branco é “só serve para combinar”. Gosta de salto alto, mas para andar de ônibus, diz que é ruim. Também adora dançar. Ir para o salão, baile. Televisão ela “gosta quando assiste, mas quando não assiste ela detesta”. Horóscopo ela gosta, lê, mas diz que nada combina com ela. Então ela não gosta.

“Eu quero pensar alguma coisa de diferente pro meu futuro, viu Zefa. Porque eu não sou doméstica. Eu estou doméstica, mas é por pouco tempo”, garante Roxane. “Eu, graças a Deus, não sofro de ambição”, responde Zefa. “Tu é burra, Zefa”, afirma Roxane. Esse diálogo entre Roxane e Zefa mostra o inconformismo da primeira. Ela está sempre procurando uma forma de largar o trabalho como empregada. Estava fazendo um curso de computador, mas deixou. Agora pretende fazer um curso de modelo.

Um dos problemas do trabalho doméstico que é apontado pela personagem Roxane é o dia do pagamento. Onde mostra a falta de consideração por parte dos empregadores que geralmente não estão preocupados com a vida financeira de suas empregadas. As patroas podem chegar atrasadas no dia do pagamento ou esquecer o compromisso com suas empregadas. Aqui, também podemos identificar outros tormentos da categoria das empregadas domésticas como profissão.

“Elas pensam que empregada é tudo ignorante. Depois elas ficam tudo chocada quando põe veneno nas comida, pinho sol, ajáques pra vingar as maldades que elas faz com a gente”, conta Roxane meio que se justificando pelo ódio que está sentindo pela falta de compromisso de sua patroa que ainda não apareceu para o pagamento. Enquanto isso, para se vingar, Roxane fuma e promete empestar a casa de fumaça, mas não desiste de esperar. Nem que para isso ela tenha que dormir na cama da patroa enquanto espera.

As questões trabalhistas no que se refere ao trabalho doméstico são eternas brigas por direitos e conquistas. Há toda uma luta por reconhecimento que é construída em consequência de pequenas batalhas. A partir de 1941, a função aparece em termos jurídicos e

“somente em 1988 a constituição federal reconhece as empregadas domésticas como categoria profissional. Sabe-se que para ter o direito de constituir um sindicato e defender os interesses da categoria é necessário que esta exista aos olhos da lei, isto é, que tenha visibilidade jurídica” (NUNES, 1993, p.138).

Com a idéia fixa de ser modelo, Roxane procura uma “agência de modelos” para fazer um book, ou “composite”, como ela prefere falar. Algumas fotos são feitas, inclusive fotos de nu artístico, o que deixa suas colegas de profissão escandalizadas, mesmo ela argumentando que todas as atrizes de tevê começaram assim. Um belo dia, vemos Roxane receber uma ligação da agência marcando um trabalho para a “modelo”. Chegando ao encontro ela vê que não se trata de um trabalho para modelo e sim de um “programa”. Mesmo decepcionada com o fato, ela topa fazer o programa, mas fica preocupada com o que os outros vão dizer. A exemplo de Cida, Roxane tem medo do julgamento alheio. Ela pergunta para o entregador de pizza, com quem tem certo grau de amizade: “se uma pessoa tiver só um cliente só ainda assim ela é puta?”. Incentivada pelo colega que quer se aproveitar da “nova profissão” de Roxane, ela continua aceitando os encontros marcados pela agência. Mas tenta fazer um acordo com a mulher da agência, argumentando que “entrei nessa pra ser modelo, mas não tô reclamando”, diz Roxane.

Mesmo com esses impasses, Roxane acredita que vai chegar lá um dia. Mas garante que é melhor fazer programas do que faxina. Como ela mesmo diz numa cena no começo do filme: “trampo é trampo, pô!”.

“Elas aturam a gente porque elas não gostam de limpar box, esfregar chão, lavar as cuecas dos marido”, afirma Roxane quando Quitéria fala que parece que as patroas não gostam delas.

A fala acima nos remete a Nunes (1993, p.121) que acredita que “a sociedade escravagista era particularmente preconceituosa quanto à indignidade de certas funções. Tudo o que era atividade manual era considerado como aviltante”. Essa reflexão é tratada pela autora como um consenso entre os autores que estudaram a época da escravidão.

Em dado momento do filme Roxane questiona o fato de que quando somos pequenos, e alguém pergunta o que queremos ser quando crescer, ninguém responde: quero ser empregada doméstica. Para ela essa profissão não é um desejo e sim uma sina. De qualquer forma, Roxane está perseverante em seu propósito de deixar sua condição de doméstica. Pois, quando questionada na delegacia sobre sua profissão não demora em afirmar: “sou modelo e manequim”.

### **Outras considerações**

Esta abordagem do filme e de seus personagens não nos permite ainda tirar conclusões. A seguir, algumas considerações.

É curioso notar que em momento algum em *Domésticas – o filme* é dito de onde as personagens vêm. Quais são suas cidades de origem? Pelos sotaques são sugeridos alguns lugares, mas nada pontual. Por duas vezes durante a trama se fala em “norte”, mas não é explicitado a quais “nortes” estão se referindo.

Para direcionar nossas observações utilizamos, além de alguns diálogos do filme, as falas que são pronunciadas pelas personagens quando elas olham diretamente para a câmera (ou seja, para o espectador), num recurso cinematográfico que simula muito bem uma característica do documentário – o depoimento. Também podemos fazer uma leitura dessas cenas como sendo a consciência das personagens num momento de reflexão ou até de nostalgia.

*Domésticas – o filme* termina com um depoimento “real” de uma doméstica que foi demitida de seu emprego por ter ficado grávida. Ela faz um relato indignada, o que ainda mostra o descaso das leis trabalhistas para com essa categoria. A empregada doméstica em questão termina sua fala questionando: “isso é vida?”.

A película mostra as empregadas domésticas como pessoas que se encarregam dos afazeres domésticos de uma pessoa livre, transformando sua força de trabalho na liberdade de alguém, ou seja, elas libertam os patrões das atribuições primárias do dia-a-dia, consideradas indignas, ou no mínimo cansativas, como no tempo da escravidão.



Apontar as diferenças e semelhanças entre as personagens de Fernando Meirelles nos possibilita uma primeira leitura sobre a produção em análise. Assim, poderemos encontrar um recorte da identidade das empregadas domésticas representadas no filme. A pesquisa em andamento segue com um estudo de recepção, onde a película será apresentada a grupos de domésticas do Distrito Federal. Através da técnica de grupos focais pretendemos obter o olhar e as impressões dessas mulheres de carne e osso acerca de sua representação na obra *Domésticas – o filme*. Com a análise do material coletado, o próximo passo é uma segunda leitura do filme e a finalização dessa pesquisa.

### **Referências Bibliográficas**

DOMÉSTICAS – o filme. Direção de Fernando Meirelles e Nando Olival. Baseado na peça “Domésticas” de Renata Melo. Roteiro de Cecília Homem de Mello, Fernando Meirelles, Nando Olival e Renata Melo. São Paulo: O2 Filmes, 2001. 1 DVD, duração de 88 min.

MEIRELLES, Fernando. Do Cine Olho à O2 passando pelo Olhos Eletrônico. In: *Cinemais* – revista de cinema e outras questões audiovisuais. Rio de Janeiro: Aeroplano, n.35, p.120-149, jul/set 2003.

NUNES, Christiane Girard Ferreira. *Cidadania e Cultura: o universo das empregadas domésticas em Brasília (1970-1990)*. 1993. Tese de doutorado. Programa de doutorado em Sociologia. Universidade de Brasília.

ORICCHIO, Luiz Zanin. *Cinema de novo: um balanço crítico da retomada*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VENTURA, Roberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Publifolha, 2000.